

A HISTÓRIA DA CIDADE DE SÃO PAULO CONTADA POR NÚMEROS: UM ESTUDO ACERCA DO CRESCIMENTO POPULACIONAL DA CAPITAL PAULISTANA DESDE A SUA FUNDAÇÃO ATÉ O INÍCIO DO SÉCULO XXI

Guilherme Ribeiro de Souza¹

Resumo: O objetivo do presente trabalho visa realizar o levantamento bibliográfico e demográfico da cidade de São Paulo de forma que possam ser relatados os principais acontecimentos da história da cidade em conjunto com seu crescimento populacional. A cidade de São Paulo é considerada uma megalópole por seu tamanho, extensão, população, economia, cultura e urbanismo. Sendo, notoriamente, uma das cidades mais populosas do mundo.

Palavras-chave: São Paulo; Cidade; População; Crescimento.

1. Introdução

O objetivo do presente estudo é realizar a consolidação dos dados históricos da população da cidade de São Paulo desde a sua fundação, no século XVI, até o último censo demográfico realizado mais recentemente, em 2010. Este artigo tem como base uma pesquisa bibliográfica e demográfica dos mais diversos autores e bancos de dados que levantaram os dados populacionais referentes ao município de São Paulo no período de interesse. Através desse histórico será possível contribuir com a literatura acerca da organização dos dados disponíveis de acordo com cada fonte. E, dessa forma, contar a história do crescimento populacional que marcou os séculos da cidade de São Paulo.

A vila de São Paulo de Piratininga teve sua fundação no dia 25 de janeiro de 1554 e contava com aproximadamente 80 habitantes. No século XVII sua população era de aproximadamente 1520 habitantes, sendo que este período fora marcado pelas buscas de índios, escravos, ouro e diamantes pelos bandeirantes, processo que iniciou a interiorização na região. “Em 11 de julho de 1711, a vila de São Paulo de Piratininga foi elevada à categoria de cidade” (PRESTES FILHO, 2012, p. 49), se tornando a cidade de São Paulo. Nessa época, a cidade contava com aproximadamente 3 mil habitantes, incluindo brancos, índios e negros. Em meados do século XVIII teve início o ciclo econômico da cana-de-açúcar na região, que possuía, em 1798, uma população que contava com cerca de 8 mil pessoas. (PRESTES FILHO, 2012; CARRARA, 2014; DE ANDRADA, 1955)

O século XIX é marcado por transformações arquitetônicas e urbanísticas na cidade, como a inauguração da primeira ferrovia paulista, o surgimento do Viaduto do Chá, além da criação da Avenida Paulista e do Museu do Ipiranga. Neste período, a produção cafeeira atingiu altos níveis de produção, o que permitiu o investimento no setor industrial através dos excedentes obtidos com o café. Em 1822, São Paulo contava com pouco mais de 23 mil habitantes. Em 1872, havia pouco mais de 30 mil habitantes, além de contabilizar um total de 3 mil edificações. Já em 1900, de acordo com o censo realizado pela *Directoria Geral. Synopse de Recenseamento*, a capital paulista contava com aproximadamente 240 mil pessoas e, de acordo com os estudos de Prestes Filho, por volta de 21 mil edificações. (PRESTES FILHO, 2012; AZEVEDO, 1958; DE ESTATÍSTICA, 1905)

Em 1920, a cidade de São Paulo tinha mais de 500 mil habitantes. O século XX marca São Paulo como uma metrópole, polo financeiro, econômico, social e cultural, com centenas de obras e eventos de grande relevância mundial, marcando a capital do Estado de São Paulo como uma cidade pulsante diuturnamente. “O crescimento do número de automóveis, o surgimento dos primeiros ônibus urbanos e a expansão da cidade deram início a um período de grandes projetos e obras viárias” (PRESTES FILHO, 2012, p. 100). Em 1950 a cidade já possuía mais de 2 milhões de habitantes. Em 1970 haviam mais de 6 milhões de moradores. O ritmo de crescimento foi acelerado, sobretudo com a chegada de milhares de migrantes nordestinos, mineiros e do interior do Estado. Além disso, a imigração estrangeira também contribuía com o crescimento populacional. Em 2000 a cidade já contava

com mais de 10 milhões de paulistanos (BASSANEZI et al., 2000; AZEVEDO, 1958; Fundação SEADE; DATASUS).

De acordo com o censo demográfico disponibilizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em 2010, a cidade de São Paulo contabilizava mais de 11 milhões de habitantes. Ou seja, do começo do século XVI para o final do século XVII a cidade de São Paulo teve um aumento de mais de 1.000% em sua população. Do século XVII para o XVIII o crescimento foi de aproximadamente 400%. Já do século XVIII para o XIX o aumento da população chegou próximo a 3.000%. Em seu ápice de crescimento populacional, a cidade teve um aumento de mais de 4.000% entre os 100 anos do século XIX e XX. De acordo com as projeções disponibilizadas no sítio eletrônico da Fundação SEADE, em 2050 a cidade de São Paulo deverá chegar à marca histórica de 12 milhões de moradores, gerando um ganho populacional em torno de 20% entre o final do século XX e a primeira metade do século XXI.

A disponibilidade histórica dos dados nos permite contar a história do período com maior enfoque na quantidade populacional. Como há um recorte histórico de um amplo período de tempo, decidiu-se por selecionar, delimitar e expor os diferentes dados, quando houver, de determinados autores e bases de dados que versão sobre a quantidade populacional de cada período. Apesar da pouca disponibilidade de dados e de muitas divergências (inclusive de contagem) em relação a população dos primeiros séculos da história da cidade de São Paulo, foi possível reunir informações que corroboravam com uma aproximação da população em cada período.

2. A formação da cidade de São Paulo

2.1. Fundação de São Paulo e suas características (século XVI)

Bem como diversas referências históricas, a formação de São Paulo se inicia com a chegada de portugueses à costa atlântica do Brasil. A colonização da região de São Paulo (sendo hoje o estado de São Paulo) teve início com a fundação da cidade litorânea de São Vicente, sob o comando de Martin Afonso de Sousa. Colonos e padres jesuítas buscavam formas de conquista do indígena, de um lado (bandeirantes), vistos como mão de obra barata, podendo ser escravizados e disponíveis para o trabalho árduo dos primeiros anos da colônia. Por outro lado (padres) o indígena seria um acréscimo de poder da igreja com expansão da fé católica. A cidade de São Paulo tem sua formação iniciada não com o nome de São Paulo. Na realidade, sua formação se inicia no planalto de Piratininga. Sendo que o primeiro povoado (1550) teve a denominação de Santo André da Borda do Campo. Em 8 de abril de 1553, o Governador Geral, Tomás de Souza, elevou o povoado à categoria de vila. Em concorrência a esses fatos, surgia São Paulo de Piratininga como um povoado que era obra de uma incursão de padres jesuítas que buscavam catequizar os índios que ali se encontravam. Foi em meados desses anos que o Padre Manuel da Nóbrega decidiu por fun-

dar o Colégio de São Paulo para que pudessem ser seguidos os estudos religiosos em comunhão com os índios. Foi o padre José de Anchieta que mais se consagrou na organização do colégio, junto com o padre Manuel de Paiva. E no dia 25 de janeiro de 1554, os padres jesuítas Manuel da Nóbrega, Leonardo Nunes, Vicente Rodrigues, Afonso Brás, José de Anchieta e Manuel de Paiva celebraram a primeira missa que marcaria a data de fundação da cidade de São Paulo no Pátio do Colégio, região que fica na interposta dos rios Tamanduateí e Anhangabaú, atualmente fazendo parte da região central da cidade. A escolha do local também teve cunho estratégico-militar, pois, com os constantes conflitos na região era necessário um local onde fosse possível realizar a defesa e antecipação de movimentos inimigos. A maior aproximação com os rios servira de meio de navegação, facilitando a peregrinação das missões jesuíticas por aldeias indígenas ao redor da região (inclusive possibilitando a interiorização por meio do rio Tietê). (PAPALI et al., 2015; PRESTES FILHO, 2012; DE ANDRADA, 1955; AZEVEDO, 1958)

No começo de 1560 a vila de Santo André da Borda do Campo sofria com diversos ataques e resistências indígenas. Portanto, o governador-geral, Mem de Sá, determinou que os habitantes brancos fossem transferidos para o povoado de São Paulo de Piratininga. Estima-se de que em 1554, ano da fundação de São Paulo, o povoado contava com 80 habitantes brancos (dado que não há consenso sobre a quantidade de habitantes nessa época e que, provavelmente, os índios não eram considerados habitantes). Com a transferência dos habitantes da vila de Santo André da Borda do Campo para o povoado de São Paulo de Piratininga, em 1560, o povoado foi elevado à categoria de vila oficialmente (até o momento, a região era considerada vila somente pelos moradores, sendo ainda, oficialmente, um povoado), o que lhe garantia uma função político-administrativa. Nessa época surgiu também a Câmara de São Paulo, tornando-se um fator importante para a consolidação do núcleo de povoamento da região. (AZEVEDO, 1958)

No texto de Prestes Filho (2012) não há maiores menções acerca da população da vila de São Paulo de Piratininga além dos 80 habitantes nos primeiros anos de história da atual cidade. Nos trabalhos de Azevedo (1958) e De Andrada (1955) não há menção de estimativa de população para o período. Há somente o relato de que os dados da época são imprecisos e que, assim como cita o texto de Prestes Filho (2012), as cartas e documentos oficiais que versam sobre a quantidade populacional entre os anos de 1550 e 1560 foram perdidos. Com o passar dos anos, começaram a chegar novas ordens religiosas na vila de São Paulo de Piratininga por conta da sua capacidade de defesa contra ataques indígenas (o que potencialmente foi um fator preponderante para o crescimento e expansão da cidade a partir da região onde concentrava-se o Pátio do Colégio). Além disso, havia ainda uma vasta vegetação nativa que permitia a exploração da terra fértil e o cultivo de gêneros agrícolas. O que, em conjunto com as condições climáticas, propiciaram um modesto desenvolvimento econômico. Ainda assim, havia uma precária economia de consumo. Prestes Filho (2012) comenta que houve uma grande miscigenação entre índios nativos e portugueses. A partir de meados de 1590, dá-se início o intercâmbio econômico entre o planalto (vila) e o

litoral, com “a produção paulistana favorecendo o excedente de algodão, mantimentos, gado e couros, recebendo vinhos, armas, utensílios, pólvora e sal que traziam os veleiros da metrópole” (DE ANDRADA, 1955, p. 65). (AZEVEDO, 1958)

Era também em meados de 1590 que começaram os primeiros relatos de escravidão dos indígenas para realizar trabalhos relacionados ao aumento da produção econômica e a falta de mão de obra na vila de São Paulo de Piratininga (apesar de uma decisão da corte portuguesa que proibia a escravização de indígenas convertidos ao catolicismo, o que dificultava a escravização dos índios, podendo ser realizada apenas por meio de “guerra justa”). Com isso, iniciou-se um aumento expressivo na quantidade de pessoas que se aglomeravam na vila, o que, naturalmente, aumentou o consumo interno. Para atender tal demanda, o Procurador Geral e da Câmara de São Paulo começou a criar formas de estimular a produção local com a instituição de uma “pequena indústria manual”, o que foi proeminente para o início da formação de um núcleo que, futuramente, viria a se tornar a base da possibilidade da vida urbana. Até o presente momento, a vila de São Paulo de Piratininga era totalmente rural, com uma infraestrutura básica, muros de taipa e casas improvisadas. Em sua fase inicial, as ruas da vila se formaram a partir de seu ponto inicial de ocupação, ou seja, o Pátio do Colégio. Ao longo das primeiras décadas, dentro dos muros, surgiram igrejas que se tornaram marcos de referência na vila (DE ANDRADA, 1955; AZEVEDO, 1958)

Azevedo (1958) comenta que “andaria por um milhar de almas ou pouco mais” em meados do final do século XVI. Além disso, destaca-se de que com o começo da produção voltada para a economia interna, as estratégias de defesa (principalmente por conta da geografia local), o aumento da população (indígena, mameluca e branca), o núcleo político-administrativo e as trocas intercambiais com o litoral marcaram um período que deu início para a definição e afirmação do espírito de autonomia que distingue a vila de São Paulo de Piratininga das demais vilas durante o curso de sua história. Esses fatores de crescimento e desenvolvimento foram os percursos para a expansão e interiorização da região. (AZEVEDO, 1958; PRESTES FILHO, 2012).

2.2. Interiorização de São Paulo e o bandeirismo (século XVII)

A vila de São Paulo de Piratininga estava começando a crescer e a se expandir no começo do século XVII. Porém, com o aumento da população, começaram a surgir outros problemas, bem como o adoecimento e falecimento de indígenas por conta de doenças relacionadas ao continente europeu. Além disso, haviam diversas disputas ideológicas acerca da escravidão indígena. Os colonos paulistas, interessados na mão de obra do índio, argumentavam que os jesuítas deveriam se restringir a doutrinar os índios, e não a ter domínio sobre eles. Pretendia-se, dessa forma, utilizar os índios aldeados para o trabalho na vila. A partir do aumento desses conflitos, e da necessidade de mão de obra, expandiu-se também o apresamento de indígenas e teve início as “bandeiras” (perseguição e caça de indígenas

para a escravidão). Segundo Papali et al. (2015), no início do século XVII, D. Francisco de Sousa, nomeado governador da então Capitania de São Paulo, tenta encontrar formas de aumentar a produção paulista, iniciando uma política de transformar São Paulo no “celeiro do Brasil”, aumentando a produção de trigo para o abastecimento da Colônia (Portugal). Grandes bandeiras de apresamento do indígena começam a penetrar o sertão. A partir de 1640, com a expulsão dos jesuítas da Capitania de São Paulo, e a morte de D. Francisco de Souza (que tentava impedir a escravização dos indígenas), um novo impulso de busca por novas tribos indígenas é gerado e bandeirantes paulistas avançam pelo Vale do Paraíba. Novas vilas são construídas, bem como Taubaté, Guaratinguetá e Jacareí. Iniciando-se um núcleo urbano que desencadearia no surgimento das demais cidades do Vale do Paraíba paulista. (DE ANDRADA, 1955)

Outro ponto relevante é a expectativa da coroa portuguesa de encontrar metais preciosos nas novas colônias, questão que motivou ainda mais as pressões políticas para o favorecimento do bandeirismo e a escravização indígena para se tornar a mão de obra na exploração de metais. A busca por cativos levou moradores da vila de São Paulo de Piratininga a áreas cada vez mais longínquas, como as regiões dos atuais estados do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Mato Grosso, Goiás, Tocantins e Minas Gerais. Muitas missões jesuítas, sobretudo no sul do Brasil, foram atacadas por bandeirantes paulistas, pois dali poderiam levar índios guaranis. Porém, após anos de buscas por metais preciosos e pouco retorno nas regiões de São Paulo (além do alto índice de mortes de escravos indígenas) a coroa portuguesa e os bandeirantes viram seus esforços fracassarem. Foi nesse período que começou a descoberta de ouro na região de Minas Gerais, como é conhecida hoje em dia. Com isso, diminuiu a captura de índios de terras distantes para serem escravos na vila de São Paulo de Piratininga. Porém, houve um aumento da presença de portugueses e escravos negros, trazidos do continente africano, para atender a demanda do contínuo crescimento econômico da produção de gêneros agrícolas. Sem a presença de metais preciosos, e com o aumento da produção de gêneros agrícolas, a vila se tornava um importante entreposto comercial (PRESTES FILHO, 2012; AZEVEDO, 1958)

A vila de São Paulo de Piratininga começava a se consolidar como uma importante região por conta do bandeirismo, expansão e crescimento da produção de gêneros agrícolas. A atividade dos bandeirantes na região de São Paulo influenciara as atividades de combate aos indígenas e aos quilombos nas capitanias do norte do Brasil (além de chamar a atenção da coroa portuguesa). Dessa forma, ampliou-se consideravelmente a função político-administrativa de São Paulo (em 1709 a Capitania de São Vicente passaria então a se chamar Capitania de São Paulo e Minas de Ouro). A partir de 1681, a vila de São Paulo de Piratininga tornou-se sede da capitania. No ano de 1711, a vila de São Paulo de Piratininga foi elevada à categoria de cidade, chegando a ser a metrópole político-administrativa de vasta porção do território brasileiro (DE ANDRADA, 1955)

Infelizmente não há relatos mais específicos quanto a dimensão populacional ou demográfica na vila de São Paulo de Piratininga nos trabalhos supracitados. No trabalho de Car-

rara (2014) é possível identificar de que foi contabilizada uma população de 1.520 pessoas para a vila. Uma observação importante nesse número é que são consideradas apenas “pessoas de comunhão”. Ou seja, apenas pessoas que são catequizadas, ou seja, sem contar escravos negros e indígenas. Por conta disso, será considerada a população do trabalho de Carrara (2012), além de uma outra contagem da população com a taxa de crescimento exponencial advinda da série histórica da população paulistana e uma média populacional do final do século XVI e do início do século XVIII. Dessa forma, há uma melhor estimativa da população da época.

2.3. A consolidação da cidade de São Paulo (século XVIII)

No ano de 1711 (ano em que a vila de São Paulo de Piratininga foi elevada à categoria de cidade), “a população da cidade contava com 3 mil habitantes, incluído brancos, índios e negros” (PRESTES FILHO, 2012, p. 49). Em 1720, houve uma divisão na então Capitania de São Paulo e Minas de Ouro em duas novas (Minas de Ouro e São Paulo). Em 1748, a Capitania de São Paulo perdeu sua autonomia e passou a depender da Capitania do Rio de Janeiro, até 1765. Como a economia de São Paulo estava em pleno crescimento (apesar de ainda ser considerada pobre), com a facilidade político-administrativa da Capitania do Rio de Janeiro, houve um expressivo aumento nas exportações dos gêneros agrícolas, o que impulsionou ainda mais a produção. Com o aumento da exploração de metais preciosos nas Minas de Ouro (Minas Gerais), São Paulo também fornecera gêneros alimentícios para a expansão da população nessas regiões. (PRESTES FILHO, 2012)

Em meados da metade do século XVIII iniciou-se um declínio das atividades mineradoras junto com o bandeirismo e, conseqüentemente, das atividades agrícolas. “Agravou-se a alta dos preços com a escassez crescente de gêneros e gado, substancialmente desviados para o abastecimento dos centros mineradores nascentes” (DE ANDRADA, 1955, p. 75). Também foi nesse período em que ocorreu a epidemia de varíola na Europa com alguns impactos no Brasil. Por outro lado, o trabalho (que era predominantemente manual) dependia do contingente de mão de obra escravizada. Junto com os escravos indígenas, começou a aumentar o quantitativo de escravos negros (que já vinha aumentando desde o final do século XVII) em consequência da exploração das minas. Os escravos negros vindo do continente africano eram vendidos a preços mais altos, pois eram trabalhadores mais aptos do que os indígenas. Ainda no século XVIII, o escravo negro passou a constituir a mão de obra principal no trabalho agrícola e indispensável nos serviços domésticos. (AZEVEDO, 1958)

Interessante notar que Prestes Filho (2012) denota de que no ano de 1798 a população da cidade de São Paulo era de, aproximadamente, 8 mil habitantes. Ou seja, já é possível notar um crescimento vertiginoso na população (não é possível identificar se é o montante com brancos, índios e negros). De acordo com o trabalho de Luna (1992) é possível identificar de que na Capitania de São Paulo, durante o século XVIII, havia uma relativa

estabilidade no quantitativo da população escrava. Ainda no trabalho de Luna (1992) é identificado que no Censo de 1777 a cidade de São Paulo contava com 2.240 escravos negros do sexo masculino, representando 92,7% da relação entre escravos negros do sexo masculino e feminino. Ou seja, uma estimação do total de 2.416 escravos na região. O que parece condizer com o número de uma população de 8 mil habitantes em 1798 já contabilizando brancos, índios e negros.

No trabalho de De Andrada (1955, p. 80) há que “em 1794, foram recenseados 9.359 habitantes, no termo da cidade”. Número muito próximo aos 8 mil habitantes em 1798 já citados. O que corrobora de que é uma boa estimativa da população no final do século XVIII. A cidade de São Paulo começava a passar por mudanças estruturais em sua infraestrutura urbana, com ruas e casas mais organizadas e planejadas. O centro urbanizado da cidade estava confinado na área entre os cursos dos rios Tamanduateí e do seu afluente Anhangabaú (AZEVEDO, 1958, p. 38). Azevedo (1958) ainda comenta de que houve um princípio de saneamento para melhorar a distribuição de água para a população. Foram com essas pequenas mudanças que São Paulo ingressou no século XIX, período que seria de grandes transformações e que moldaria grande parte do presente momento da cidade.

2.4. As transformações estruturais em São Paulo (século XIX)

O século XIX é marcado por diversas mudanças sociais. No Brasil, com a chegada da coroa portuguesa em 1808 no Rio de Janeiro. Desde então, ocorreram diversos movimentos que culminaram na independência do Brasil em 1822. As ruas começaram a ser denominadas por nomes, vias públicas estavam começando processos de mudanças e começará a ocorrer mudanças urbanísticas importantes na cidade de São Paulo. Também começam a ser coletados e divulgados dados mais precisos quanto a população por meios oficiais do governo (PRESTES FILHO, 2012).

De Matos (1955) classifica a cidade de São Paulo da seguinte forma: “As praças públicas eram todas acanhadas e irregulares, destacando-se apenas as do Palácio da Sé e da Câmara Municipal. A atual Praça da República era um logradouro semiabandonado”. Ou seja, algumas das principais características que moldam a cidade de São Paulo no século XXI começam a ser consolidadas. De Matos (1955) continua seu trabalho tocando no ponto de quantos habitantes haviam na cidade no século XIX, o que não constitui tarefa fácil pelas divergências que outros autores informavam. O autor levanta de que haveriam entre 15 e 30 mil pessoas vivendo na cidade. É possível identificar de que esse número já deveria abarcar a população de brancos, índios, pardos e pretos, pois, um dos autores, Daniel Pedro Müller (marechal Müller), explicita os dados discriminados por quantidade de cada população (dados esses que foram chamados de censo).

De Matos (1955) ainda comenta de que a imigração começará a aumentar vertiginosamente em meados da metade do século XIX (franceses, ingleses, alemães, italianos, japo-

neses, entre outros povos), diretamente para São Paulo. Ao final do século XIX, São Paulo já estava consolidada como a “capital dos fazendeiros” e a “metrópole do café”, chegando a uma população de quase 240 mil habitantes. De Matos (1955) ainda expõe uma tabela (sem numeração) com algumas estimativas da população de acordo com três recenseamentos nacionais e um provincial. Para esse período, o supracitado autor comenta que muitos autores que realizaram trabalhos de levantamento de dados desse período são contraditórios e com números relativamente discrepantes uns dos outros (por conta disso, o presente artigo trabalhará com as estimativas oficiais). A população da capital paulista apresentou grandes mudanças em suas características no decorrer da segunda metade do século XIX. Nas duas primeiras décadas, São Paulo ainda guardava muito das tradições e dos costumes desde os tempos coloniais. Já nas décadas seguintes passou por profundas transformações sociais, como as leis contra a escravidão e a consolidação da uma economia independente. (DE MATOS, 1955)

Azevedo (1958) descreve que no estado de São Paulo haviam quase 2,3 milhões de habitantes em 1872, sendo que na cidade haviam em torno de 31 mil pessoas. Já em 1900, a população da capital paulistana contaria com aproximadamente 240 mil habitantes. (PRESTES FILHO, 2012).

No trabalho de Bassanezi et al. (2000) pode ser encontrado o censo realizado por marechal Müller, em 1836, contabilizando 21.933 habitantes em São Paulo classificados entre livres e escravos (além de organização entre homens, mulheres e faixa etária). Além disso, bem como nos demais anos de estudo do trabalho, há uma série de tabelas que discriminam diversas informações sobre a população da cidade de São Paulo. Para o ano de 1854 há um total de 25.254 habitantes, de acordo com o relatório da Abertura da Assembleia Legislativa Provincial (1856). No Recenseamento Geral do Império, em 1872, há um total de 31.385 habitantes já contabilizadas pessoas livres e escravos. Esse é considerado o primeiro censo histórico contabilizado e oficializado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), disponível em seu sítio eletrônico. Já no sítio eletrônico da Fundação SEADE (Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados), sendo o portal de estatísticas do Estado de São Paulo, para a cidade de São Paulo, não há dados populacionais disponíveis para o período. Ainda no trabalho de Bassanezi et al. (2000), é disponível uma classificação com um alto grau de complexibilidade dentre aspectos sociais que compõe os dados do ano de 1886. Nesse ano, conta-se um total de 47.697 habitantes na capital paulista. Em 1890, o trabalho contabiliza 64.934 habitantes na cidade de São Paulo que têm como fonte a *Directoria Geral de Estatística* no recenseamento de 1890. Dado populacional que também é contabilizado e oficializado pelo IBGE. (DE ESTATÍSTICA, 1905)

No censo realizado pela *Directoria Geral. Synopse de Recenseamento* é contabilizado um total de 239.820 habitantes na cidade de São Paulo no ano de 1900. Número idêntico ao encontrado no sítio eletrônico do IBGE, além de também ser o número oficial (e primeiro registro histórico) no sítio eletrônico da Fundação SEADE. (DE ESTATÍSTICA, 1905)

No texto de Prestes Filho (2012) há a menção de haver aproximadamente 23 mil habitantes na cidade de São Paulo no dia 7 de setembro de 1822, dia da proclamação da independência do Brasil por Dom Pedro I, as margens do rio do Ipiranga. Esse marco histórico no Brasil tornou São Paulo uma importante cidade no processo de desenvolvimento da nação brasileira. Com o aumento do número de contratos firmados entre a Câmara Municipal e outros agentes, é criada uma praça de mercado e matadouro público, prestação de serviço funerário, segurança urbana, abastecimento de água, iluminação pública, entre outros serviços para a população da cidade. No ano de 1880 entrou em vigor o Código de Posturas, documento esse que reunia diversos padrões urbanísticos que deveriam ser seguidos na cidade de São Paulo. As regras estabelecidas visavam disciplinar, de alguma forma, o crescimento da cidade que, a partir de então, tornou-se cada vez mais acelerado. Ainda segundo Prestes Filhos (2012, p. 84) , “em 1875 a cidade de São Paulo possuía cerca de 30 mil habitantes e 3 mil edificações. Já em 1900 havia em torno de 240 mil pessoas no município e 21 mil edificações”.

No trabalho de Baldin (2006) há a descrição de aproximadamente 30 mil habitantes na cidade em 1887 identificados por meio das obras de Militão Augusto de Azevedo. Esse é um número abaixo dos que estavam sendo relatados até o momento para a época (podendo haver algum grupo de indivíduos que não estão sendo contabilizados ou estimados). Há uma outra menção de acerca de 46 mil habitantes na cidade de São Paulo em 1860, número que destoaria dos encontrados para a época. Nesse trabalho, nota-se como foram as transformações urbanas por meio de descrições artísticas das obras de Militão. Como o presente artigo não se busca de avaliar as descrições habitacionais nas obras artísticas, serão utilizados apenas os dados populacionais apresentados como forma de referências de estimativas da população nesse ramo. (BALDIN, 2006)

2.5. A modernidade na cidade de São Paulo (Século XX)

Desde o final do século XIX, existe um crescimento populacional em uma escala muito grande com a chegada de imigrantes dos mais diversos países e dos mais diversos continentes. Com isso, conforme essas pessoas chegavam, era necessária uma expansão dos serviços básicos como moradia, alimentação, saúde, entre outros. Era também o início de uma era de industrialização. Começaram a surgir bairros operários como o Brás e a Barra Funda. A cidade começará a passar por transformações urbanísticas, sociais, econômicas e culturais nunca antes vistas. Segundo Prestes Filho (2012), na década de 1920, a cidade de São Paulo chegava a ter mais de meio milhão de habitantes, o que lhe conferiu o título de metrópole. A partir do século XX, os dados estatísticos populacionais começaram a ganhar mais confiabilidade e precisão. Com a abolição da escravidão e o fim da cultura escravista (apesar dos grandes problemas sociais de desigualdade sempre permanentes na cidade e em diversos locais do Brasil) não havia mais distinção de grupos de indivíduos. No trabalho de Bassanezi et al. (1999) a população de São Paulo contava com 579.033 habitan-

tes em 1920. Mesmo dado encontrado também no sítio eletrônico do IBGE, Fundação SEADE e no trabalho de Azevedo (1958).

Roberto Capri fez um retrato acerca do panorama da cidade de São Paulo em 1912, conforme cita Azevedo (1958), registrando uma população de 450 mil habitantes dentre italianos, portugueses, espanhóis, sírios, franceses, russos, japoneses, poloneses, turcos, ingleses, escandinavos, libaneses, armênios, sírios, entre outros povos. Este era somente o início de um século que seria marcado pela grande quantidade de imigrantes. Essa característica começará a tornar São Paulo como uma cidade cosmopolita. Ainda no trabalho de Azevedo (1958), há uma estimativa acerca da população da cidade nos anos de 1905, 1910, 1915, 1919 e 1922. Todos os dados estão descritos na tabela 1. O estudo ainda comenta de que o pequeno aumento que houve na primeira metade da década do século XX foi devido a baixa taxa de imigração italiana (algumas pessoas ficavam poucos anos em São Paulo e, sem melhoria da qualidade de vida, retornavam ao país de origem ou iam para outro local). Porém, a partir de 1910, houve um aumento mais acentuado nas taxas de imigração, conforme pode-se visualizar no gráfico 2. Com isso, São Paulo chegava a marca de 800 mil habitantes ao final do ano de 1925. Azevedo (1955) comenta que, na época do ano de escrita de seu trabalho, havia uma forte expansão dos loteamentos da periferia da cidade de São Paulo (dentro e fora da cidade), sendo que as estimativas de população para o futuro eram de aproximadamente 30 milhões de habitantes (mas, ao que parece, era considerada uma área maior do que somente a capital paulista, podendo englobar áreas como Guarulhos, Osasco, Santo André, São Bernardo e Diadema).

Em 1930 acontece a Revolução Constitucionalista com o objetivo da cidade de São Paulo obter autonomia política do governo central. A ideia de um movimento armado ganhou muitos adeptos, até que, finalmente, após a morte de quatro estudantes, em 23 de maio de 1932, foi formada uma milícia civil incumbida de preparar um confronto contra o governo federal. Em julho do mesmo ano teve início a chamada Revolução Constitucionalista, uma guerra civil que durou três meses e teve mais de seiscentos mortos, número que compreende apenas o lado paulista. O movimento foi reprimido pelo governo federal, com a rendição dos paulistas. Entre 1938 e 1945, durante o período do Estado Novo, São Paulo começa a aplicar o Plano de Avenidas, onde grandes avenidas foram abertas e muitas obras realizadas. Segundo o IBGE, em 1940, a cidade contava com 1.326.261 habitantes. Dado idêntico ao identificado pela Fundação SEADE. (PRESTES FILHO, 2012; AZEVEDO, 1958)

Segundo Prestes Filho (2012), em 1950, a cidade de São Paulo se torna o maior centro industrial do País, firmando-se como um importante centro financeiro e a maior cidade brasileira. Já nesse ano, a cidade contava com 2 milhões de moradores. O crescimento populacional agora era resultado tanto por imigrantes de outros países quanto por pessoas migrando dentro do próprio Brasil. Eram milhares de migrantes nordestinos, mineiros e do interior do Estado que começavam a migrar para o Sudeste em busca de melhores con-

dições de vida. São Paulo se tornava um local atraente pela sua franca expansão. Segundo o IBGE, em 1950, a cidade de São Paulo contava com 2.168.096 habitantes.

Com um forte ritmo de crescimento, a capital paulistana chegava em 3.781.446 de habitantes no ano de 1960, segundo a Fundação SEADE (número próximo ao do IBGE). Continuamente eram construídos prédios, avenidas, monumentos, praças, museus e as mais diversas transformações urbanísticas, políticas, culturais, sociais e econômicas na cidade. A partir desse período, os dados do IBGE e da Fundação SEADE começam a se distanciar por alguns milhares de habitantes. Não fica claro o motivo, mas todos os dados estão disponíveis nas tabelas 9 e 10. Já no trabalho de Azevedo (1958) há uma estimativa de 3 milhões de habitantes para o ano de 1960 (época de disponibilização do artigo de Azevedo ao público). Em 1970, a cidade chegou a 6 milhões de habitantes, segundo Prestes Filho (2012). Porém, segundo o IBGE, existem 5.978.977 de pessoas na cidade e, de acordo com a Fundação SEADE, haveria uma população de 5.885.475 pessoas. A partir de 1980, pode-se contar com os dados disponíveis no sítio eletrônico do DATASUS relacionados no Banco de Dados da População Residente em São Paulo, onde é registrado uma população de 8.493.217 de pessoas. Interessante notar que, nas três fontes de dados que serão utilizadas a partir dessa década, há uma certa divergência populacional (DATASUS, IBGE e Fundação SEADE).

Em 1988 é promulgada a constituição brasileira que está vigente no presente momento. Houveram significativas mudanças institucionais, bem como o direito ao voto para analfabetos e a ampliação da liberdade partidária. Outro ponto relevante também foi a instauração de um maior poder de auto-organização dos municípios, sendo que, em São Paulo, o número de vereadores foi ampliado para 53. Em 1990 foi promulgada a Lei Orgânica do Município de São Paulo que constituiu o poder democrático na tomada de decisões por meio da Câmara de Vereadores e da maior participação popular direta. Para efeitos de comparação e corroboração, em 1990, segundo o DATASUS, a cidade de São Paulo contava com 9.532.859 habitantes. Sendo que, segundo o SEADE, moravam 9.512.545 pessoas na cidade. (PRESTES FILHO, 2012)

No final do século XX, a cidade de São Paulo conta uma população de 10.405.867 de pessoas, segundo o IBGE. De acordo com a Fundação SEADE haviam 10.398.576 pessoas e, conforme o DATASUS, a cidade contava com 10.434.252 habitantes.

2.6. A megalópole cidade de São Paulo (Século XXI)

Conforme a disponibilidade de dados, o século XXI conta com algumas distorções em relação aos quantitativos populacionais. Enquanto no sítio eletrônico da Fundação SEADE há uma profunda e detalhada estimativa populacional por cada ano do século XXI, no DATASUS há somente um maior nível de detalhamento até o ano de 2012. Já no sítio eletrônico do IBGE encontram-se os resultados dos censos demográficos realizados a cada

década, sendo o último disponibilizado referente ao ano de 2010. Conforme é possível notar, a Fundação SEADE promove a estimação da população paulistana até o ano de 2050, com intervalos anuais de 5 anos a partir de 2020.

3. Bases de dados

Conforme é possível notar nas tabelas a seguir, organizadas por autor, foi realizada uma coleta profunda e detalhada em diversos trabalhos e sítios eletrônicos de meios oficiais de comunicação do poder público brasileiro. É possível notar que nesses trabalhos há uma grande expansão de outros mais diversos trabalhos que coletam os dados populacionais de formas diretas (pesquisas e censos) como de formas indiretas (estimativas e recortes demográficos).

Tabela 1 – Dados populacionais segundo Azevedo (1958)

Ano	Fonte	Página	População
1595	Azevedo (1958)	23	1.000
1872	Azevedo (1958)	68	31.000
1900	Azevedo (1958)	68	240.000
1905	Azevedo (1958)	125	300.000
1910	Azevedo (1958)	125	375.000
1912	Azevedo (1958)	113	450.000
1915	Azevedo (1958)	125	472.000
1919	Azevedo (1958)	125	526.000
1920	Azevedo (1958)	125	579.033
1922	Azevedo (1958)	125	637.000
1925	Azevedo (1958)	126	800.000
1940	Azevedo (1958)	167	1.337.644
1950	Azevedo (1958)	167	2.198.096
1954	Azevedo (1958)	167	2.817.600
1958	Azevedo (1958)	167	3.000.000

FONTE: Autor (2020)

Tabela 2 – Dados populacionais segundo Baldin (2006)

Ano	Fonte	Página	População
1860	Baldin (2006)	7	46.000
1887	Baldin (2006)	2	30.000

FONTE: Autor (2020)

Tabela 3 – Dados populacionais segundo Bassanezi et al. (2000)

Ano	Fonte	Página	População
1836	Bassanezi et al. (2000)	-	21.933
1854	Bassanezi et al. (2000)	107	25.254
1872	Bassanezi et al. (2000)	287	31.385
1886	Bassanezi et al. (2000)	473	47.697
1890	Bassanezi et al. (2000)	523	64.934
1920	Bassanezi et al. (2000)	546	579.033

FONTES: Autor (2020)

Tabela 4 – Dados populacionais segundo Carrara (2014)

Ano	Fonte	Página	População
1687	Carrara (2014)	16	1.520

FONTES: Autor (2020)

Tabela 5 – Dados populacionais segundo DATASUS

Ano	Fonte	Página	População
1980	DATASUS	-	8.493.217
1990	DATASUS	-	9.532.859
1991	DATASUS	-	9.646.185
1995	DATASUS	-	9.994.168
2000	DATASUS	-	10.434.252
2010	DATASUS	-	11.253.503
2011	DATASUS	-	11.316.119
2012	DATASUS	-	11.376.685

FONTES: Autor (2020)

Tabela 6 – Dados populacionais segundo De Andrada (1955)

Ano	Fonte	Página	População
1794	De Andrada (1955)	80	9.359

FONTES: Autor (2020)

Tabela 7 – Dados populacionais segundo De Matos (1955)

Ano	Fonte	Página	População
1836	De Matos (1955)	94	15000 a 30000
1872	De Matos (1955)	114	31.000
1886	De Matos (1955)	114	47.696
1890	De Matos (1955)	114	64.934
1900	De Matos (1955)	114	239.934

FONTE: Autor (2020)

Tabela 8 – Dados populacionais segundo Directoria Geral. Synopse de Recenseamento (DE ESTATÍSTICA, 1905)

Ano	Fonte	Página	População
1900	Directoria Geral. Synopse de Recenseamento (1905)	101	239.820

FONTE: Autor (2020)

Tabela 9 – Fundação SEADE

Ano	Fonte	Página	População
1900	Fundação SEADE	-	239.820
1940	Fundação SEADE	-	1.326.261
1960	Fundação SEADE	-	3.781.446
1970	Fundação SEADE	-	5.885.475
1980	Fundação SEADE	-	8.475.380
2000	Fundação SEADE	-	10.426.384
2011	Fundação SEADE	-	11.312.351
2015	Fundação SEADE	-	11.581.798
2016	Fundação SEADE	-	11.638.802
2017	Fundação SEADE	-	11.696.088
2018	Fundação SEADE	-	11.753.659
2019	Fundação SEADE	-	11.811.516
2020	Fundação SEADE	-	11.869.660
2025	Fundação SEADE	-	12.097.360
2030	Fundação SEADE	-	12.242.971
2035	Fundação SEADE	-	12.330.322
2040	Fundação SEADE	-	12.354.697
2045	Fundação SEADE	-	12.335.711
2050	Fundação SEADE	-	12.205.291

FONTE: Autor (2020)

Tabela 10 – IBGE - Censo Demográfico (Tabela 1287)

Ano	Fonte	Página	População
1872	IBGE - Censo Demográfico (Tabela 1287)	-	31.385
1890	IBGE - Censo Demográfico (Tabela 1287)	-	64.934
1900	IBGE - Censo Demográfico (Tabela 1287)	-	239.820
1920	IBGE - Censo Demográfico (Tabela 1287)	-	579.033
1940	IBGE - Censo Demográfico (Tabela 1287)	-	1.326.261
1950	IBGE - Censo Demográfico (Tabela 1287)	-	2.168.096
1960	IBGE - Censo Demográfico (Tabela 1287)	-	3.825.351
1970	IBGE - Censo Demográfico (Tabela 1287)	-	5.978.977
1980	IBGE - Censo Demográfico (Tabela 1287)	-	8.587.665
1991	IBGE - Censo Demográfico (Tabela 1287)	-	9.626.894
2000	IBGE - Censo Demográfico (Tabela 1287)	-	10.405.867
2010	IBGE - Censo Demográfico (Tabela 1287)	-	11.253.503

FONTE: Autor (2020)

Tabela 11 – Prestes Filho (2012)

Ano	Fonte	Página	População
1560	Prestes Filho (2012)	20	80
1711	Prestes Filho (2012)	49	3.000
1798	Prestes Filho (2012)	56	8.000
1822	Prestes Filho (2012)	69	23.000
1875	Prestes Filho (2012)	84	30.000
1900	Prestes Filho (2012)	69	240.000
1920	Prestes Filho (2012)	100	500.000
1950	Prestes Filho (2012)	119	2.000.000
1970	Prestes Filho (2012)	119	6.000.000

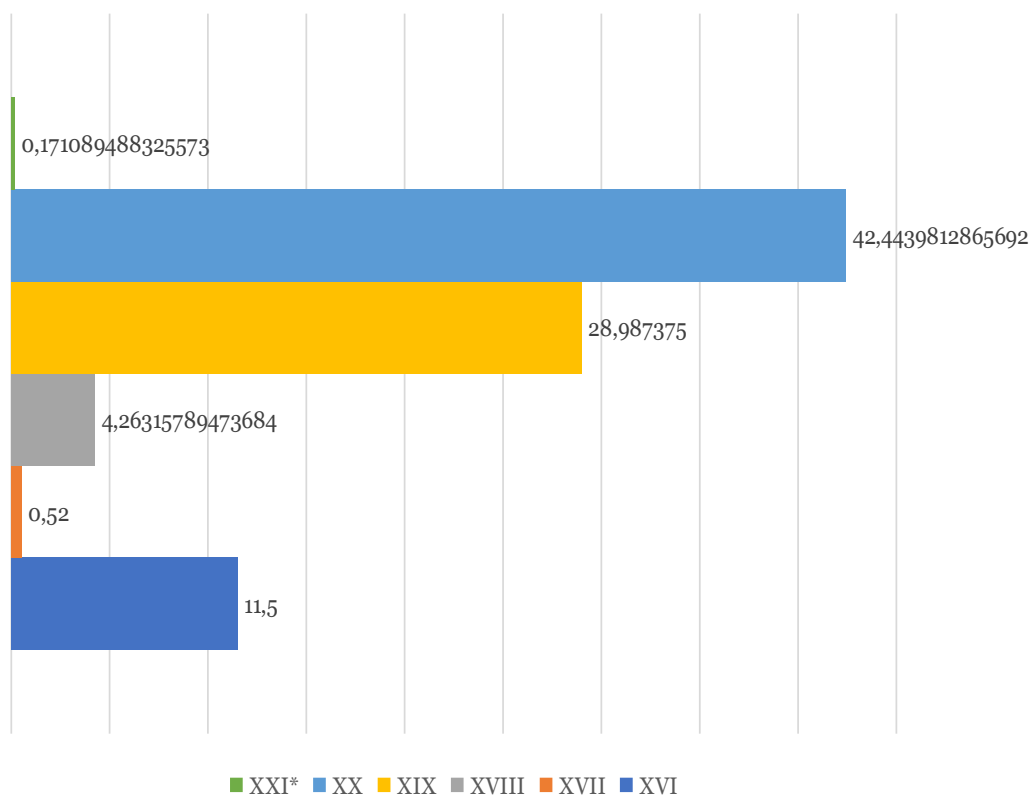
FONTE: Autor (2020)

4. Resultados

Ao longo de sua história, a cidade de São Paulo teve um crescimento extraordinário. Como há uma diferença de milhares ou milhões de habitantes entre seus séculos, é possível sequenciar seu crescimento em cada século da seguinte forma: Durante o século XVI a cidade passou de 80 habitantes, em 1560, para 1.000 ao final do século (+1.150%); No decorrer do século XVII a cidade passaria para 1.520 habitantes (+52%); Ao final do século XVIII, a capital paulista contava com 8.000 pessoas (+426%); Em 1900, final do século XIX, São Paulo chegará a marca de 239.899 habitantes (+2.899%); No ápice do crescimento populacional de sua história, a cidade saía de duas centenas de milhares, no final do século XIX, para atingir o seu primeiro décimo de milhão de pessoas residindo na megalópole (+4.244%); Conforme as estimativas disponíveis pela fundação SEADE, a previsão é de que São Paulo termine a primeira metade do século XXI com uma população de mais de 12 milhões de pessoas (+17%). Para fins de melhor análise, visualização e comparação, temos esses cálculos de crescimento populacional no gráfico 1 e na tabela 12.

A cidade de São Paulo teve uma média de crescimento de 1.565% na sua população ao longo de toda sua história. Apesar dos mais diversos trabalhos e fontes constituírem algumas divergências em suas coletas ou estimações, é possível notar que, na média, a população tem índice de crescimento que representa grande parte da sua história econômica, política, social e cultural, além da sua relevância nacional e internacional nas mais diversas áreas do conhecimento. No gráfico 2 é demonstrado que, ao agregar todos os anos em suas respectivas médias anuais, fica evidente que entre os anos de 1925 e 2000 a capital paulistana têm um crescimento exponencial.

Gráfico 1 – Crescimento populacional na cidade de São Paulo do século XVI até o século XXI



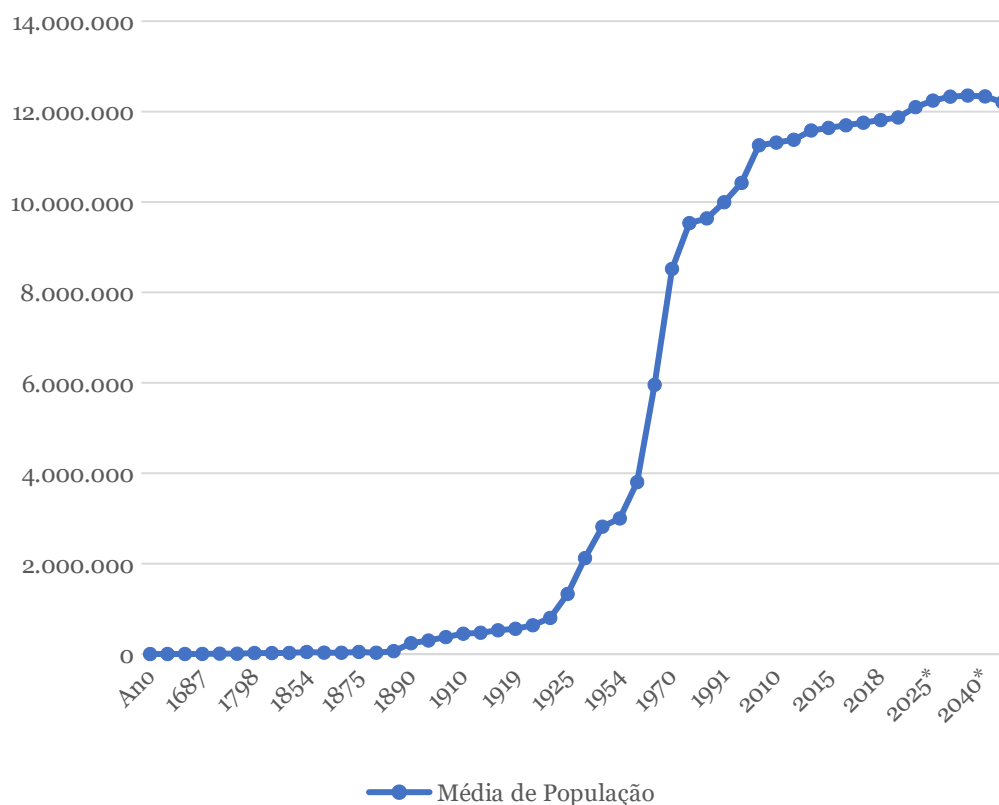
FONTE: Autor (2020) *Estimações fornecidas pela Fundação SEADE

Tabelas 12 – Crescimento populacional na cidade de São Paulo do século XVI até o século XXI

Século	Crescimento Populacional
XVI	1150%
XVII	52%
XVIII	426%
XIX	2899%
XX	4244%
XXI*	17%

FONTE: Autor (2020) *Estimações fornecidas pela Fundação SEADE

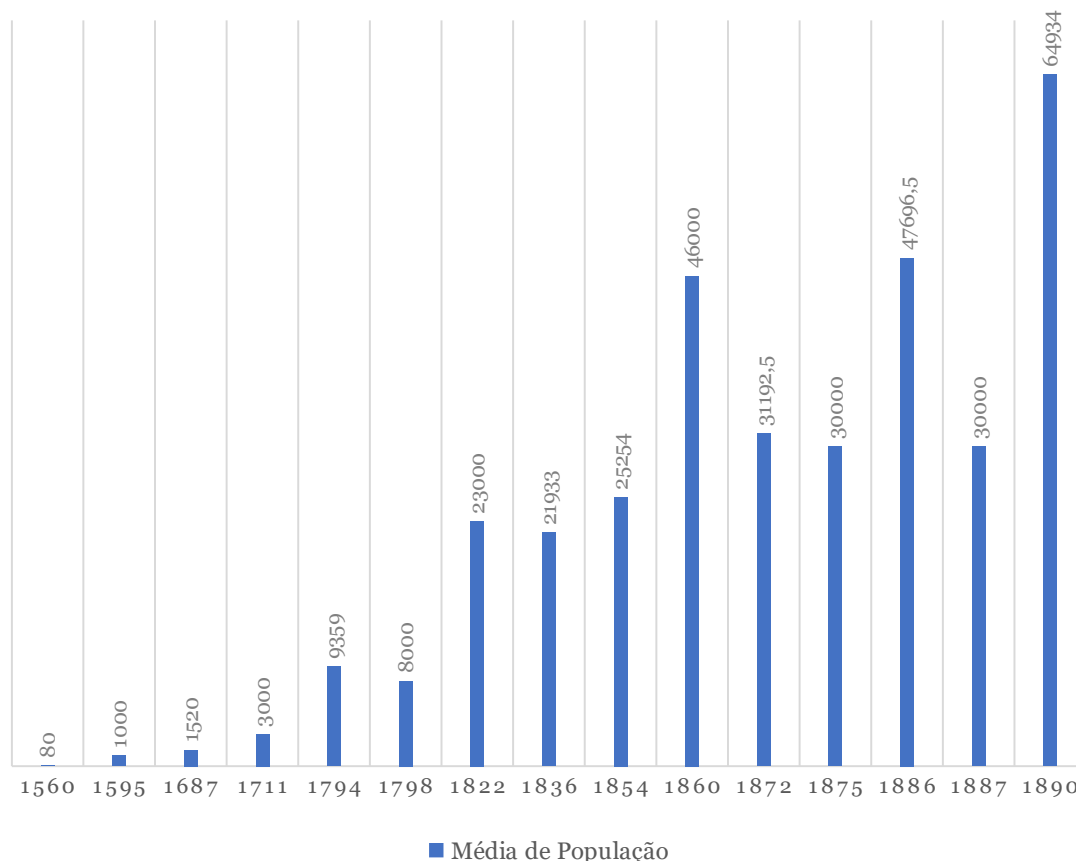
Gráfico 2 – Média da população da cidade de São Paulo do século XVI até o século XXI



—●— Média de População
FONTE: Autor (2020) *Estimações fornecidas pela Fundação SEADE

Os gráficos 3 e 4 estão agregados entre os anos 1560 e 1890, 1900 e 2050, respectivamente. Dessa forma, é possível notar com maior grau de detalhamento, a forma com que ocorreu o crescimento populacional em uma escala mais próxima as suas populações em cada ano. Infelizmente, não há muitas fontes de dados populacionais da cidade de São Paulo entre os séculos XVI, XVII e XVIII, o que traz maior grau de incerteza quanto a fidedigna quantidade populacional residente na cidade (além de haver problemas de contabilização de pessoas, pois, com o aprisionamento de índios e a chegada de negros escravos, a contagem da população, algumas vezes, somente incluía a população branca, conforme descrito no texto). É possível notar de que há alguns decrescimentos entre determinados anos no gráfico 3.

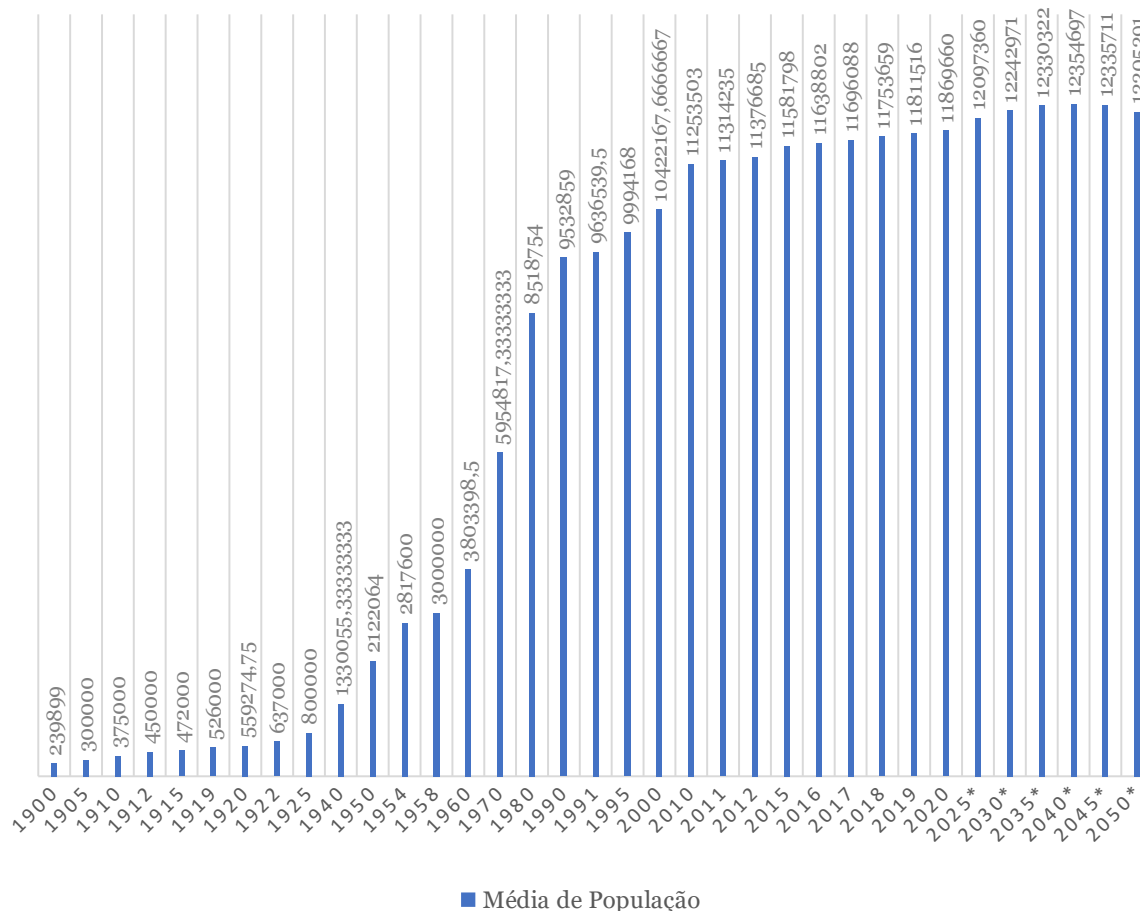
Gráfico 3 – Média da população na cidade de São Paulo entre os anos de 1560 e 1890



FONTE: Autor (2020)

Enquanto que, no gráfico 4, há uma maior confiabilidade nos dados populacionais. A partir do século XIX, os meios oficiais de comunicação e coleta de dados de habitantes se tornam mais precisos, além dos trabalhos produzidos que se utilizaram de dados populacionais também incluíam os dados das fontes oficiais. É identificado que, no gráfico 4, o crescimento populacional é exponencial, com uma maior quantidade de dados disponíveis por ano. Em nenhum ano do período entre 1900 e 2050 há um decréscimo da população (apesar da variação de crescimento entre os anos).

Gráfico 4 – Média da população na cidade de São Paulo entre os anos de 1900 e 2050



*FONTE: Autor (2020) *Estimações fornecidas pela Fundação SEADE*

5. Considerações finais

Em 25 de janeiro de 1554, no que hoje é conhecido Pátio do Colégio, entre os rios Tietê, Anhangabaú e Tamanduateí, os padres jesuítas Manuel da Nóbrega e José de Anchieta, junto com o padre Manuel de Paiva, celebravam a primeira missa na região que marcara a fundação da que viria ser chamada cidade de São Paulo. Em 1560 a região foi classificada como vila de São Paulo de Piratininga e contava somente com 80 habitantes entre padres, índios e portugueses. Era o início de uma história que tornaria a região maior, mais populosa e globalmente reconhecida da sua importância. Com a chegada de mais portugueses, padres e a catequização de índios a população da região chegará a 1.520 pessoas no século XVII. Com o aumento das buscas dos bandeirantes por índios e escravos para trabalhar na extração de ouro e diamantes na região, a população da cidade só aumentará. No início do século XVIII a vila de São Paulo de Piratininga é elevada a categoria de cidade dada sua maior importância no panorama político e econômico, tanto na colônia (Brasil) quanto na metrópole (Portugal). Em 1711 a cidade contava com 3 mil habitantes, incluindo brancos,

índios e negros. Com os processos de transformações dos meios de produção da época, teve o início do período da produção em maior escala da cana-de-açúcar, aumentando significativamente a quantidade de portugueses que chegavam para tentar uma vida melhor na colônia quanto de negros escravos para o trabalho braçal. Ao final do século XVIII a população da cidade de São Paulo contava com aproximadamente 8 mil pessoas.

O século XIX traria diversas transformações urbanísticas para a cidade. Seu contínuo crescimento trazia consigo demandas sociais, econômicas e culturais. Com isso surgiam viadutos, museus, teatros, ruas organizadas, edificações e o principal período de expansão econômica da região de São Paulo que ficaria conhecido como ciclo do café. A produção cafeeira traria consigo consequências que estão presentes até os dias atuais na cidade, bem como os investimentos industriais realizados no período por conta dos excedentes do café. A cidade de São Paulo passaria de 23 mil habitantes em 1822 para aproximadamente 240 mil pessoas em 1900, como é consolidado por 6 fontes diferentes.

A expansão da cidade aumentaria seu espaço físico, econômico, social, cultural e populacional. O século XX é o principal século de crescimento de São Paulo. Foi no século XX que a cidade registraria seus primeiros milhões de habitantes, chegando a marca de mais de 10 milhões de paulistanos no ano 2000. São Paulo ficaria reconhecido mundialmente pela sua importância financeira, econômica, urbana e das mais diversas áreas. Houve também o crescimento do número de automóveis, o surgimento dos primeiros ônibus urbanos e a expansão da cidade que deu início a um período de grandes projetos e obras viárias em toda a cidade. O crescimento populacional desse período tem forte relação com a chegada de migrantes de outras regiões do país (como do norte e nordestes) e também com a chegada de muitos imigrantes dos mais diversos países (italianos, portugueses, franceses, alemães, japoneses, armênios, sírios, entre outros).

No século XXI há a consolidação das formas oficiais de coleta e divulgação dos dados populacionais. Apesar de algumas divergências nos dados relacionados a cidade de São Paulo por meio do IBGE, Fundação SEADE e DATASUS. Com suas pequenas divergências de contagem de habitantes e diferentes anos disponíveis de dados, pode-se verificar que a cidade continua crescendo. Com as estimativas da Fundação SEADE, é disponibilizado de que a cidade poderá ter total de mais de 12 milhões de moradores.

A cidade de São Paulo conta sua história através dos seus números. O seu crescimento populacional está fortemente relacionado ao seu desenvolvimento econômico, social e cultural. Durante o século XVI a cidade cresceu 1.250%. No decorrer do século XVII a cidade crescerá 152%. Ao final do século XVIII, o crescimento foi de 526%. No século XIX, São Paulo chegará a crescer 2.999%. No recorde registrado de crescimento populacional da sua história, a cidade cosmopolita crescerá 4.344%. De acordo com as estimativas disponíveis pela fundação SEADE, a previsão é de que São Paulo termine a primeira metade do século XXI com um crescimento de 117%.

Com isso, o presente trabalho procura colaborar com a literatura para consolidar os dados disponíveis referentes a população da cidade de São Paulo no decorrer dos seus 466 anos de história. Dessa forma, é possível trazer as divergências nos mais diversos trabalhos, artigos e sítios eletrônicos e fornecendo uma estimação do crescimento da população em cada um de séculos.

Para trabalhos futuros espera-se identificar a origem das divergências nas mais diversas fontes de dados da população da cidade de São Paulo, dentre suas mais variadas metodologias e fatores que podem trazer vícios de contagem da população nos seus períodos mais remotos.

Referências Bibliográficas

AZEVEDO, Aroldo de; DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS, Associação. **A cidade de São Paulo: estudos de geografia urbana**. Brasiliense, v.1, 1958.

BALDIN, Adriane Acosta. **O processo de urbanização da cidade de São Paulo no século XIX, através das imagens do fotógrafo Militão Augusto de Azevedo**. Revista eletrônica da área Paisagem e Ambiente, FAU. USP, v. 45, 2006.

BASSANEZI, MSCB et al. **São Paulo do passado: dados demográficos**. Campinas: NEPO–Núcleo de Estudos em População/UNICAMP, v. 1, 1999.

BASSANEZI, MSCB et al. **São Paulo do passado: Capital**. Campinas: NEPO–Núcleo de Estudos em População/UNICAMP, v. 1, 2000.

CARRARA, Angelo Alves. **The population of Brazil, 1570-1700: a historiographical review**. Tempo, v. 20, p. 0-0, 2014.

DATASUS. Tecnologia da Informação a Serviço do SUS. Banco de Dados da População Residente em São Paulo. Disponível em: < <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?ibge/cnv/popsp.def>>. Acesso em: 21 de junho de 2020.

DE ANDRADA, Raul et al. **São Paulo nos tempos coloniais**. Revista de História, v. 10, n. 21-22, p. 55-88, 1955.

DE ESTATÍSTICA, Directoria Geral. *Synopse de Recenseamento*. 1905.

DE MATOS, Odilon Nogueira. **A cidade de São Paulo no século XIX**. Revista de história, v. 10, n. 21-22, p. 89-125, 1955.

FUNDAÇÃO SEADE, Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados. Portal de Estatísticas do Estado de São Paulo. Disponível em: < <http://produtos.seade.gov.br/produtos/500anos/index.php?tip=esta>>. Acesso em: 21 de junho de 2020.

FUNDAÇÃO SEADE, Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados. Portal de Estatísticas do Estado de São Paulo. Disponível em: < <http://www.imp.seade.gov.br/frontend/#/tabelas>>. Acesso em: 03 de outubro de 2020.

FUNDAÇÃO SEADE, Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados. Portal de Estatísticas do Estado de São Paulo. Disponível em: < <https://painel.seade.gov.br/evolucao-populacional/>>. Acesso em: 03 de outubro de 2020.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Tabela 1287 - População dos municípios das capitais e Percentual da população dos municípios das capitais em relação aos das unidades da federação nos Censos Demográficos. SIDRA IBGE. Disponível em: < <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/1287#/n6/3550308/v/591/p/all/l/v,p,t/resultado>>. Acesso em: 20 de junho de 2020.

LUNA, Francisco Vidal. **Características Demográficas dos Escravos de São Paulo**. Estudos Econômicos (São Paulo), v. 22, n. 3, p. 443-483, 1992.

PAPALI, Maria Aparecida; DEL OLMO, Maria José Acedo; DE ALMEIDA, Valéria Zanetti. **Colonização da Região de São Paulo: Índios, colonos, jesuítas e bandeirantes**. 2015.

PRESTES FILHO, Ubirajara de Farias. **Câmara Municipal de São Paulo: 450 Anos de História**. 2.ed. rev. e atual. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2012.